



**LAILA RESENDE LARA
LUANA CRISTINA APARECIDA SANTIAGO**

**A contação de histórias e a leitura literária como atividades
pedagógicas**

**LAVRAS-MG
2020**

LAILA RESENDE LARA E LUANA CRISTINA APARECIDA SANTIAGO

A contação de histórias e a leitura literária como atividades pedagógicas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Pedagogia, para a obtenção do título de Licenciatura Plena.

Prof(a). Dr(a). Ilsa do Carmo Vieira Goulart

Orientador(a)

**LAVRAS-MG
2020**

Santiago, Luana Cristina Aparecida.
A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A LEITURA LITERÁRIA COMO
ATIVIDADES PEDAGÓGICAS / Luana Cristina Aparecida Santiago. -
2020.
23 p. : il.

Orientador(a): Ilsa do Carmo Vieira Goulart.

TCC (graduação) - Universidade Federal de Lavras, 2020.
Bibliografia.

1. Contação de Histórias. 2. Leitura Literária. 3. Formação de
Leitores. I. Goulart, Ilsa do Carmo Vieira. II. Título

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	6
2. EMBASAMENTO TEÓRICO.....	8
2.1 LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO DE LEITORES.....	8
2.2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	11
3- METODOLOGIA.....	12
3.1 A PESQUISA	12
3.2 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS.....	13
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	15
4.1 ACOMPANHAMENTO DE ATIVIDADE DE LEITURA LITERÁRIA..	15
4.2 CONVERSAS SOBRE AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22

RESUMO

A contação de história trata-se de uma atividade cultural que esteve presente em diferentes momentos na história da humanidade. Assim, faremos um estudo sobre a atividade de contação de história e sua contribuição na fase de alfabetização de crianças entre 6 e 7 anos. Diante disso, o objetivo deste estudo é acompanhar e descrever as atividades de contação de histórias e de leitura literária, de modo a refletir sobre as contribuições para o desenvolvimento da aquisição da língua escrita. Para isso, será realizada uma pesquisa de campo com acompanhamento de atividades de leitura literária e de contação de histórias com crianças em fase de alfabetização em uma escola da rede pública de ensino, e também conversas com as professoras sobre as práticas educativas com a leitura. A inserção na escola se deu a partir do Programa da Residência Pedagógica. As discussões teóricas partirão dos pressupostos de Benjamin (1935) e Busatto (2005) que dizem a respeito das narrações e como o narrador deve se apossar destes princípios para o desenvolvimento da criatividade de seus discentes e de si próprio, bem como Cosson(2009)sobre a leitura literária. Mediante as observações realizadas foi possível notar o interesse das crianças para com a atividade de reconto de histórias, o que os permitiu maior interação com os objetos levados e participação ativa dos ouvintes.

Palavras-Chave: Contação de histórias. Leitura Literária. Alfabetização.

1- INTRODUÇÃO

A cidade natal das duas componentes desse trabalho é São Tiago - MG, ambas mudaram para Lavras para concluir o Ensino Superior na Universidade Federal de Lavras uma vez que tinham o sonho de se formar em Pedagogia por ter afinidade nas temáticas estudadas no curso e também formar seres de bem e alfabetizados para que consigam ser independentes.

Consideramos, neste estudo que o ato da leitura literária e de contação de histórias se mostram atividades que contribuem para o desenvolvimento da criança em fase de alfabetização, visto que, estes estímulos colaboram com o processo de formação de leitores, por se constituir uma prática de letramento em que os estudantes manifestam algumas habilidades e competências como à atenção, a memorização, a simbolização e a expressão oral, no ato de contar e recontar histórias e declamar versos de maneiras espontâneas.

Segundo os estudos de Boimare (2011), a partir da história que ouve o aluno consegue ter uma visão mais crítica e questionar por meio da sua compreensão e sentimentos ao ouvir determinada história, além de mostrar uma melhoria em seu vocabulário. Dessa forma, o autor ainda afirma que: “Quando leio histórias para meus alunos, nunca é para distraí-los ou fazê-los passar um momento agradável. Faço isso com uma intenção específica e um projeto preciso: facilitar a transmissão dos saberes” (BOIMARE, 2011, p. 137).

Para entender esse processo de leitura, alfabetização, letramento e suas contribuições com a aprendizagem dos alunos em sala de aula, desenvolvemos atividades de leitura literária e de contação de histórias em colaboração com duas professoras de 1º ano do ensino fundamental de uma escola de rede municipal da cidade de Lavras. Para isso, acompanhamos o desenvolvimento de duas turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, de uma escola da rede pública de ensino, durante o ano letivo de 2019 e também conversas com as professoras sobre as práticas educativas com a leitura.

A escolha do tema ocorreu por dois motivos: primeiro por se tratar de um assunto que estava associado com as pesquisas desenvolvidas no Núcleo de Estudos em Linguagens, Leitura e Escrita – NELLE da Universidade Federal de Lavras – UFLA, este núcleo tem como objetivo estudar temas relacionados a contação de histórias,

leituras e linguagens; ressaltando sempre que é um grupo aberto para graduandos em Pedagogia, alunos da Pós-Graduação, professores da rede pública e privada da cidade de Lavras e cidades vizinhas que se interessem pela temática; além de proporcionar eventos como contação de histórias nas escolas, Contadores de Histórias, curso de extensão. Segundo porque esta proposta de atividade esteve relacionada ao Programa da Residência Pedagógica, 2018-2019, no qual atuamos como bolsistas-residentes, com propostas de acompanhamento e elaboração de atividades durante o ano letivo de 2019, na escola campo, conforme o edital nº 1 do dia 30 de maio de 2018, cujo objetivo foi “apoiar Instituições de Ensino Superior (IES) na articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura, conduzidos em parceria com as redes públicas de educação básica”, além de contribuir para a importância de explicar a relevância da leitura literária, da contação de histórias e como ambas se relacionavam com a alfabetização.

Além disso, acreditamos que os resultados desse estudo podem contribuir para a formação de professores, uma vez que apresentam atividades bem-sucedidas que levem as crianças ao interesse pela leitura, enriquecendo o vocabulário, desenvolvimento da criatividade, à potencialização da escrita, à ampliação da sensibilidade e do prazer em relação à leitura não a tomando como obrigação.

Para isso questionamos: como são construídas as atividades de leitura literária e contação de histórias dentro da sala de aula com a professora alfabetizadora?

Diante disso, este estudo tem por objetivo acompanhar e descrever as atividades de leitura literária e contação de histórias de duas professoras do 1º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal, de modo a refletir sobre as contribuições para o desenvolvimento da escrita. Como objetivos específicos assumiram: (1) Observar e registrar características do espaço de contação de histórias ou leitura literária; (2) Descrever as atividades de leitura literária e de contação de histórias realizadas pelas as professoras; (3) desenvolver conversas em forma de entrevista com as professoras sobre as atividades de leitura.

2. EMBASAMENTO TEÓRICO

2.1 Letramento literário e formação de leitores

Nesse estudo, compreendemos que a leitura literária é de suma importância na fase de alfabetização das crianças, pois, é por meio dela que se torna possível uma relação prazerosa entre leitor e escritor, motivando o gosto pelo que se lê além de contribuir para o desenvolvimento das crianças nesta fase.

Assim, a linguagem que a narrativa apresenta-se contribui para o processo de leitura, para a criatividade de tal forma que permitir a interpretação das diferenças culturais existentes exploradas naquele contexto narrativo.

Por outro lado, o letramento literário permite uma interação entre o leitor e escritor, buscando uma renovação dos sentidos do texto literário em qualquer que seja o ambiente da leitura. Nesse contexto, o letramento literário é visto como um procedimento constante, ou seja, algo inacabado, sempre em atividade, desde as canções de ninar, livros de histórias ou cenas artísticas assistidas e até mesmo interpretadas. Desta forma, Cosson (2009, p.65) defende:

Na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

Portanto, segundo Cosson (2009) o letramento literário torna-se uma técnica a qual é necessária tomá-la para si, tornando aquilo que se lê em sua propriedade, permitindo que algo que antes não poderia ser explicado passe a fazer sentido para si. O autor destaca em sua obra, a importância sobre a interpretação do texto, ressaltando que não se basta apenas ler, precisa significar e dar sentido as palavras enquanto pratica a leitura.

Assim, nota-se que a leitura literária se baseia em características necessárias para a produção de sentido. Nesse contexto, Cosson (2009) fala sobre quatro etapas para a sucessão relevante do texto: a motivação, que acontece de forma lúdica cujo conteúdo relacione com texto a ser explorado, dessa forma o objetivo principal é estimular a leitura selecionada. A introdução é o momento em que brevemente se apresenta o livro e seu escritor. Em seguida faz-se a leitura da obra em si

acompanhada pelo professor, de tal forma que o mesmo possa esclarecer dúvidas e questões que impeçam a compreensão do texto. Este momento é de suma importância para que o aluno se mostre interessado pela leitura que lhe foi apresentada. Por fim, a etapa da interpretação divide-se em dois ciclos: o interior e o exterior. O interior é entendido como o “encontro do leitor com a obra” sem nenhum tipo de intermédio. Logo, o exterior é visto como “materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade” (COSSON, 2009, p. 65).

Ao escrever sobre a leitura literária, Abramovich (2006) defende em seu livro “Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices” que o ato de ler desenvolve nas crianças uma habilidade crítica, permitindo a elas a capacidade de questionar aquilo se lê, sensibilizando-as de forma a notar que se é possível mudar de opinião durante a prática da leitura.

A autora destaca a necessidade de trabalhar a leitura no ambiente escolar, de forma que não se torne algo recorrente, pois é preciso compreender se está sendo benéfico ao gosto dos ouvintes, enriquecendo, portanto, sua criticidade e autonomia sobre o texto lido. Assim, Abramovich (2006, p. 143-144) afirma que:

É perceber que ficou super-envolvido, querendo ler de novo mil vezes (apenas algumas partes, um capítulo especial, o livro todinho...) ou saber que detestou e não querer mais nenhuma aproximação com aquela história tão chata, tão boba ou tão sem graça... É formar opinião própria, é ir formulando os próprios critérios, é começar a amar um autor, um gênero, uma ideia, um assunto e, daí, ir seguindo por essa trilha e ir encontrando outros e novos volumes... (que talvez façam o amor pelo autor dobrar, ou provoquem uma decepção... isso tudo faz parte da vida!).

Portanto, é notável que por meio da atividade de leitura literária o professor possibilita ao leitor a indagação, a opinião e a criticidade enquanto se pratica o ato de ler. De acordo com Abramovich (2006), também, neste momento se forma grandes leitores, pois assim, cada percepção feita sobre quaisquer que seja o ato, variação da linguagem, mudanças de personagens, gosto ou desgosto pela temática, autor, sentimentos e emoções, os formam leitores críticos e reflexivos lhe acrescentando diferentes visões ao analisar o que foi lido, discussão sobre a escrita e contação do texto, comparação entre o começo e o fim de cada história.

Para Colomer (2003) a literatura é uma temática a ser apresentada nas salas de aula, visto que, ajuda as crianças a desenvolverem as suas reflexões, criatividade e aprimorar o seu domínio da linguagem.

Na literatura são encontradas várias funções, onde além de conectarem-se ao mundo da fantasia, também se possibilita ao leitor literário que se coloque no lugar de outras pessoas e que veja o mundo de maneira diferente. Com isso deixa claro também como a mesma pode auxiliar no progresso do vocabulário, pois quanto mais se lê, mais palavras diferentes consegue se aprender por meio da literatura.

Para planejar o ensino da literatura e por consequência ter a formação de leitores é necessário criar espaços para que os alunos consigam usufruir da leitura, porém ao criar esses espaços não pode deixar de ponderar os objetivos escolares, por exemplo, ao ensinar os hábitos de leitura os estudantes vão ter uma melhor utilidade, fazendo que aproveitem melhor a leitura que fazem.

Porém é fundamental que as crianças tenham um espaço para fazerem as leituras autônomas, pois é provável que grande parte não irá fazer isso fora da escola. Os educadores têm um papel muito importante nesse processo, visto que para aprender a ler de forma eficiente é necessária muita dedicação em ambas as partes e os alunos conseguem isso devido a dedicação dos professores.

De acordo com Solé (1998) as estratégias de leituras mostram ações que favorecem o processo de formação de leitores, por serem responsáveis pela dinâmica de elaboração e concretização da leitura, proporcionam a compreensão e interpretação dos textos de forma independente, fazendo com que estimulem a formação leitora.

Ao estudarmos sobre as estratégias de leitura entendemos que existem algumas estratégias fundamentais para a compreensão de leitura que devem proporcionar ao aluno que organize a sua própria leitura associando a motivação e disponibilidade de cada leitor.

As estratégias de leitura têm como pressupostos estabelecerem metas nas atividades de leitura a serem realizadas como selecionar, avaliar e persistir nas intervenções propostas. Contudo, Solé (1998) entende que o ponto de vista de um leitor tem como objetivo de leitura, algo a se compreender com a própria como exemplo o processo de leitura entre texto e leitor.

2.2 Contação de histórias

A leitura literária, em um primeiro momento precisa estar ligada à narração oral, partindo do pressuposto da ação narrativa como um momento de interação da criança com o texto oralizado, que possibilita a imaginação, “quando conto uma história é a história que se narra através de mim. Eu me torno a história. Eu me torno a minha própria história” (BUSATTO, 2005, p.10). Dessa forma, ao contar uma história, o narrador se torna leitor e ouvinte daquilo que relata.

Contudo, mesmo sabendo desta necessidade, muitas famílias não têm o hábito de contar histórias para seus filhos, deixando que o mesmo aprenda este ato juntamente com a importância da leitura em sala de aula. Cabendo à escola oferecer estímulos literários necessários para a formação desses leitores.

Por isso, é importante ressaltar que as histórias fazem com que as crianças conheçam diferentes mundos através da imaginação e criatividade, permitindo que vivenciem situações diferentes e mudem sua forma de pensamento. Além disso, a contação de histórias é um momento no qual a criança e o professor trocam experiências.

A vida é com frequência desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para que possa fazê-lo, precisa que a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre como colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso poder criar ordem na sua vida. (BETTELHEIM, 2009, p.13).

Posteriormente, o contador se torna ator e personagem das histórias no qual está narrando, ou seja, ele se inclui na realização da ação. Como o narrador está consciente da sua performance, não há como ignorar as impressões do conto e as marcas que ele já deixou e deixa naquele exato momento em que está sendo narrado (BUSATTO, 2005, p. 10).

Portanto, quando se diz respeito às narrativas escritas, sugerimos que sigam os roteiros presentes na oralidade, que façam sentido na vida da criança, ou seja, que não fogem da realidade em que vivenciam, para que façam relações do que está sendo lido ou contado com o que presenciam no dia a dia.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele (BENJAMIN, 1994, p.6)

Todavia, apesar da importância do ato de ler e recontar histórias, não se deve fazer destas atividades uma ação repetitiva e sem sentido, pois isso pode ser cansativo para as crianças e afastá-las do prazer de ler. Afinal, os livros e as histórias precisam ser apreciados com prazer e emoção, despertando por meio da ludicidade no ambiente escolar o gosto pela leitura.

É certo que para a contação de histórias não existe uma regra, desde que sejam contadas naturalmente, despertando o interesse do ouvinte. Dessa forma, o contador deve se expressar com espontaneidade, criatividade e amor, expondo através do conto seu amor, carinho e gratidão por aquilo que faz.

Para contar uma história, seja qual for, é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes (...) Capta-se o ritmo, a cadência do conto, fluindo uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o a das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... E tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro (...). Ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 1997, p. 18).

Portanto, faz-se necessário, ter um planejamento e uma organização antes da contação de histórias, compondo um bom cenário e objetos que interagem com as crianças e as façam ter interesse pela leitura, sabendo que através dela é possível recontar histórias de maneiras diversas e criativas que despertam a emoção e o conhecimento.

3- METODOLOGIA

3.1 A pesquisa

O presente estudo utilizou uma metodologia de abordagem qualitativa que, André e Ludke (1986, p.11), abordam em seu texto a definição Bogdan e Biklen do livro "A Pesquisa Qualitativa em Educação" (1982) na qual descrevem que: "A pesquisa qualitativa ou naturalística, envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contexto direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes".

Assim sendo, André e Lüdke (1986), enfatizam que o pesquisador precisa manter contato com a situação em que os fenômenos ocorrem naturalmente, pois são influenciados pelo contexto em que vivem, ou seja, o local em que o objeto de pesquisa se insere, se torna essencial para entendê-lo.

Além disso, o estudo foi realizado por meio da pesquisa de campo, para as autoras que a mesma:

Consiste na observação direta em que o observador chegue mais perto das “perspectivas do sujeito”. Na medida que o observador acompanha in loco as experiências diárias do sujeito, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que atribuem a realidade que os cerca e suas próprias ações. (ANDRÉ, LUDKE, 1986, p.26).

Dessa forma, a pesquisa de campo consiste em um determinado período de observação do ambiente em que será realizado o estudo já definido. Nesse contexto, as estratégias de coleta de dados foram viabilizadas via observação em ambiente escolar, por meio de conversas com 2 professoras do 1º ano do ensino fundamental e seus respectivos alunos e de registros escritos em diário de campo. Por essa razão, a pesquisa utilizou o procedimento de observação, por permitir que se aprofundasse naquilo que se víamos acontecer na sala de aula.

Portanto a pesquisa pode ser considerada de nível exploratório, porque a mesma depende de um período no qual se busca obtenção de informações sobre as perspectivas que influenciam na leitura literária e contação de histórias para crianças em fase de alfabetização e também na realização de conversas com as professoras sobre as práticas educativas com a leitura.

Essa fase exploratória foi, portanto, definida como “o momento de especificar as questões ou pontos críticos, de estabelecer os contatos iniciais para a entrada em campo, de localizar os informantes e as fontes de dados necessárias para o estudo” (ANDRÉ, LUDKE, 1986, p.22).

3.2 Procedimentos de coleta de dados

De acordo com os procedimentos de coleta de dados deste estudo, realizamos um acompanhamento das atividades de leitura literária e de contação de histórias em uma escola da rede pública municipal da cidade de Lavras - MG, durante o ano letivo de 2019. A instituição contava com turmas nos períodos da manhã e da tarde, sendo de 5º ao 9º ano e de 1º ao 4º ano respectivamente, em média cada uma tinha de 20 a 30 alunos.

Assim, a escola contava com quatro turmas de 1º anos, três de 2º, 3º e 4º anos no período da tarde, na qual as aulas tinham início às 13:00 horas com término às 17:15. Já na parte da manhã, a escola tinha três turmas de 5º e 6º anos, quatro de 7º anos e duas nos 8º e 9º anos, neste período as aulas se iniciavam às 07:00 e o fim às 11:15.

A escolha da escola ocorreu pelo fato de atuarmos como bolsistas-residente do Programa Residência Pedagógica, conforme descreve o edital nº 1 do dia 30 de maio de 2018, cujo objetivo é “apoiar Instituições de Ensino Superior (IES) na articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura, conduzidos em parceria com as redes públicas de educação básica”, e ainda:

Objetiva aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias; induzir a reformulação do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica; fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola, promovendo sinergia entre a entidade que forma e a que recebe o egresso da licenciatura e estimulando o protagonismo das redes de ensino na formação de professores; promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). (LAVRAS, 2018, p. 2)

Por já estarmos inseridas e vinculadas à escola, a decisão de realizar este estudo se deu pelo fato de que seria de mais fácil o acesso e a comunicação com as professoras e os alunos do ambiente escolar, de modo que ambos já se conheciam e compreendiam o passo a passo na realização dos projetos de leitura.

Devido a este contexto, a coleta de dados aconteceu em duas turmas do 1º ano, ambas com o total de 20 crianças. A observação acontecia em média dois dias da semana, era guiada pelo acompanhamento e registro das atividades de leitura e contação de histórias em diário de campo.

A análise e o acompanhamento das atividades aconteceram em duas turmas de 1º ano, definidas e separadas como turma 1 e turma 2, em dois dias da semana, normalmente nas terças e quintas-feiras, em um período aproximado de seis meses. Essa observação acontecia nas salas de aula ou no momento da biblioteca, em períodos distintos definidos pelas próprias professoras.

As observações, sobre como as docentes trabalhavam o tema das histórias lidas, como apresentam os livros e como as crianças se comportavam durante a contação, eram anotadas diariamente. Depois disso, foram realizadas conversas com as professoras das turmas 1 e 2 e com alguns alunos de ambas as turmas.

Sendo assim, as conversas com as professoras partiram de um contexto em que as bolsistas-residentes já tinham um convívio, possibilitando ter uma conversa sobre como cada uma desejava responder, podendo ser de maneira oral ou escrita desde que as professoras estivessem à vontade para explicar sobre o processo de alfabetização utilizado por cada uma. Essas conversas foram realizadas dentro do próprio ambiente escolar, de forma mais descontraída permitindo um maior conforto e espontaneidade.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 Acompanhamentos de atividade de leitura literária

Após as observações realizadas foi possível perceber que, a proposta da professora 1, sobre o livro da “Chapeuzinho amarelo”, foi pensada e executada de uma maneira mais lúdica, buscando uma interação e uma participação ativa das crianças.



Imagem 1- Crianças assistindo vídeo da Historia de “Chapeuzinho Amarelo”
(Momento 1),

Fonte: Arquivo das autoras.



Imagem 2– Foto da professora 1 contando história(2º momento)

Fonte: Arquivo das autoras.



Imagem 3- Foto de uma das atividades que a professora 1 propôs (Momento 3)

Fonte: Arquivo das autoras.



Imagem 4 – Foto das crianças contando histórias criadas por elas,

Fonte: Arquivo das autoras.

Inicialmente, a ideia foi de transmitir um vídeo com uma contadora, sobre a história da “Chapeuzinho Amarelo”, de Chico Buarque. Em seguida, a própria professora fez sua contação de maneira lúdica, utilizando roupas e acessórios para que a história tivesse uma semelhança com a realidade. Em outro momento, a professora propôs para as crianças um reconto, sendo possível observar entendimentos e criatividade sobre a determinada história.

A atividade foi realizada na biblioteca da escola, para que as crianças pudessem conhecer uma história diferenciada do conto clássico já conhecido pelas crianças que é o conto de “Chapeuzinho Vermelho”.

A professora procurou levar ludicidade à sua contação de história, pois, segundo ela, quanto mais ludicidade mais as crianças participariam da atividade e, além disso,

levou as crianças para um lugar onde não fosse sala de aula e que, ao mesmo tempo estivesse em suas vivências e no contexto da contação de histórias que foi a biblioteca, uma vez que em outras experiências as crianças ficavam mais tranquilas na contação de histórias que não fosse a sala de aula.

Ali, tudo era novo para as crianças porque em nenhum outro momento elas haviam participado da contação de histórias nesse contexto de vídeo, mas, mesmo com toda a novidade ainda existia uma distração que já era o imaginado. Logo ao perceber as atitudes das crianças a professora buscou se empenhar ainda mais no próximo passo da realização da atividade.

No segundo momento a professora se sentia mais entusiasmada para a realização da proposta, já que, acreditava na ludicidade que estava levando ao realizar essa prática. Neste momento a professora pediu que levasse as crianças para a biblioteca e que elas se assentassem em um tapete, visto que na frente desse tapete havia uma cadeira aonde a professora iria se sentar, mas as crianças estavam intrigadas com o que estava por vir, por não estarem com a docente e, além disso, encontraram uma cadeira diferente das que já teriam visto pela escola. Quando menos esperavam a professora chega à biblioteca com trajes e acessórios tornando a contação lúdica e atraindo mais a atenção das crianças.

Diferente da primeira atividade as crianças estavam concentradas na contação que a professora estava realizando e inclusive, interagindo com ela. Ao ver essa interação dos alunos com a história, a professora já perguntava o que iria acontecer logo depois e, os alunos ficavam atentos e empenhados em responder as perguntas da professora e dizer o que aconteceria na história.

Por fim, no terceiro momento a professora aplicou atividades impressas sobre a história contada como atividades de completar; colorir; pintar; colagem, na qual ao decorrer das atividades as crianças iam se lembrando da história e sempre comentavam alguma parte da mesma.

Já ao observar as estratégias da professora 2, foi notável uma postura diferente durante a atividade de leitura literária que, sem muita ludicidade, simplesmente escolheu um livro de seu interesse no armário da sala, pediu para que as crianças sentassem no chão formando uma roda e começou a leitura da obra: “A joaninha que perdeu as pintinhas”, de autoria de Ducarmo Paes e ilustrações Jefferson Pereira Galdino.

A atividade de contação da história aconteceu no ambiente já de costume da turma, observamos que as crianças não compreenderam o sentido da história e não tiveram interesse, talvez por ter sido um livro no qual elas não participaram da escolha, talvez por ter ocorrido uma atividade de leitura literária sem preparação prévia pela professora, tornou-se um momento cansativo, dificultando o entendimento dos alunos como leitores-ouvintes, provocando o desinteresse. Neste contexto, as crianças não ficavam quietas, não ouviam e menos ainda compreendiam o que se era lido sobre a história contada.

Após o momento de leitura literária, a professora simplesmente fez perguntas sobre, o nome do livro e seu autor. Como, durante o processo da leitura as crianças se mostraram distraídas e pouco interessadas na contação, não responderam aos questionamentos da professora sobre o livro.

4.2 Conversas com as professoras sobre as atividades desenvolvidas

Ao fim das observações, foram realizadas conversas com as professoras que, aconteceram de forma descontraída dentro da sala de aula ou em momentos alternativos e livres. Ao conversarmos sobre o planejamento das atividades de leitura, a professora 1, destacou sobre a experiência com a turma e disse que se sentia privilegiada por ter conseguido levar esse tipo de atividade para aquela escola e aquela turma. Diante desse argumento, outras perguntas foram fluindo, “Porque todo esse privilégio?”

Porque não imaginava que com todos os bloqueios que encontramos em uma escola pública, talvez não seria possível a realização dessa atividade e principalmente não imaginei que as crianças iriam ficar tão atentas como ficaram, além disso a forma com que reagiram a cada momento proposto. (P1, entrevista, 2019)

Ao perguntarmos para a professora 1 sobre achar que a ludicidade é importante nesse processo, respondeu que “se não tivesse oferecido essa ludicidade para as crianças provavelmente elas não teriam se interessado na história e a suas reações teriam sido bem diferentes” (P1, entrevista, 2019).

Sobre a relação entre o lúdico e a alfabetização, a professora 1 compreende que “A alfabetização pode ser empenhada por intermédio do vocabulário real, espontâneo, expressivo, tais questões que já são concebidas em atividades lúdicas” (P1, entrevista, 2019).

Quando perguntamos sobre o que achava sobre a atividade de contação de histórias para o desenvolvimento das crianças, respondeu-nos que “A contação de histórias é uma ferramenta significativa para a motivação à leitura, evolução na linguagem, ajuda a criança a ter iniciativa para a escrita, provoca o raciocínio crítico e faz com que a criança fantasie” (P1, entrevista, 2019).

Nesse sentido, podemos compreender que, segundo Abramovich (1991, p.16):

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais... contados durante o dia – numa tarde de chuva, ou estando todos soltos na grama, num feriado ou domingo – ou num momento de aconchego, à noite, antes de dormir, a criança se preparando para um sono gostoso e reparador, e para um sonho rico, embalado por uma voz amada.

Perante aos questionamentos, considerações, e reflexões puderam compreender a importância da ludicidade na alfabetização e que uma contação de história de forma lúdica para as crianças, torna mais prazeroso aquele momento e faz com que se interessem, participem, cooperem e compartilhem de momentos que se assemelhem à determinada ocasião.

Enquanto o trabalho da professora 1, foi planejado e trabalhado da maneira lúdica e interativa com as crianças, a professora 2 realizou uma atividade de leitura literária sem preparação antecipada e pouco interativa. Diante disso, ao conversar sobre a atividade e questionar a respeito da proposta utilizada, disse que, “a falta de tempo e o cansaço faz com que a ludicidade no processo de contação de histórias dentro sala de aula fique para trás, dessa maneira, eu, não consigo desenvolver metodologias que sejam mais chamativas e atraentes para as crianças”. (P2, entrevista, 2019).

Ao perguntarmos sobre o porquê a atividade de leitura literária se torna um problema para os professores, respondeu-nos que “Antes, com as aulas de biblioteca era mais fácil, as crianças saíam da zona de conforto delas, tinham mais liberdades e eram ‘monitoradas’ a ficarem quietas naquele ambiente, assim, elas tinham mais atenção as histórias. Além disso, a bibliotecária era preparada para isso, e dedicava o tempo as escolhas de livros ideais para a idade e interesses das crianças” (P2, entrevista, 2019).

Ao questionarmos se ela achava possível uma mudança na prática pedagógica, a professora respondeu que:

Sim, e busco isso apesar das poucas ideias, acredito que o processo de leitura mais organizado, lúdico e diferente faça as crianças se interessarem mais pela leitura, e mais que isso, sejam motivadas a ir para a escola. No entanto, não consigo pensar em propostas de intervenção desse processo e acabo assim, prejudicando o conhecimento, a concentração e o interesse dos meus alunos por algo que sempre foi tão importante, principalmente nesta faixa etária em que se encontram. (P2, entrevista, 2019)

Após a leitura das respostas da professora 2, conversamos com 5 alunos da turma sobre a leitura do livro “A joaninha que perdeu as pintinhas”. Em resposta, todos disseram que gostariam de ouvir novamente a história, de forma diferente, alegre e que não precisassem ficar assentados em uma roda, quietos, ouvindo.

Ao perguntarmos para as crianças se achavam que essa mesma história, poderia ser legal, se fosse contada de outro jeito, as respostas foram semelhantes, comentaram que “a joaninha podia ser de verdade, ou podia ser desenhada, ou ainda ser criada por nós, aí a gente ia achar mais legal, poder ver, mexer e sonhar com a nossa própria joaninha, sem precisar ver aquela que “tava” no livro” (C1, 2019).

Percebemos que as crianças pensam em propostas para a realização de atividades de leitura literária e de contação de histórias, talvez pelas experiências que já tiveram com a leitura. Diante disso, entendemos que a leitura literária:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2009, p.23).

Diante dos questionamentos, perguntas e reflexões, concluímos que é necessário buscar novas formas de realizar as atividades de leitura literária e de contação de histórias que possibilite as crianças usarem a imaginação, a criatividade e a espontaneidade de estarem presentes e mais que isso, atentas ao que é lido dentro de sala, podendo inspirá-las a criarem suas próprias histórias dentro do cenário real em que vivem de seus conhecimentos e realidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das observações em campo e das conversas realizadas com as professoras 1 e 2, podemos perceber que as atividades de contação de histórias e de leitura literária precisam, ainda serem discutidas como recurso pedagógico, para que por

meio dessas ações seja possível incentivar as crianças na busca pela leitura prazerosa, visto que possibilitarão a elas um maior desenvolvimento da criticidade.

Há espaço para todos: os que entendem as histórias como alimento para o espírito; os que vêem nas histórias uma forma de distração; aqueles que narram cantando e aqueles que narram dançando; velhos e moços; letrados e iletrados. Os contos estão aí, à espera de uma voz para torná-los matéria viva, significante, transformadora (BUSATTO, 2005, p. 100).

Portanto, é notável que ocorram transformações tanto das crianças quanto dos professores, como contadores de histórias e mediadores da leitura nesse processo junto à alfabetização, pois estimulam as habilidades de leitura e de interpretação, além de incentivarem a imaginação, a cooperação entre o professor e os alunos, de maneira que o interesse por livros aumentam.

As observações e as conversas com as professoras possibilitaram compreender que as atividades de leitura literária e de contação de histórias dentro da sala de aula com a professora alfabetizadora são planejadas de forma diferentes. Percebemos duas situações distintas: na qual, a professora 1, utiliza seus métodos lúdicos para prender a atenção dos alunos e fazê-los compreender e participar ativamente da contação. Enquanto a professora 2, não prepara a leitura e nem como praticá-la de forma que atraia a atenção das crianças enquanto lê.

Nesse contexto, este estudo nos possibilitou a reflexão sobre como trabalhar a contação de histórias com as crianças para que, elas possam se interessar mais por esse processo de leitura, incentivando-as a conhecerem diferentes histórias. Além disso, é nessa fase que se torna necessário o incentivo pelas leituras para que as crianças se desenvolvam de maneira crítica e criativa durante toda a etapa da alfabetização e aprimore o seu desenvolvimento como seres humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione, 2006. 173 p.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BOIMARE, Serge. Por que contar histórias às crianças? Como se processa a mudança? In: BOIMARE, Serge. **Crianças impedidas de pensar**. Tradução Marcelo Dias Alameda. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2011, cap. 7, p.135-151.

BUSATTO, Cleomari. **Narrando histórias no século XXI- Tradição e Ciberespaço**. 2005. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102929/221665.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 out. 2018.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/como_elaborar_projeto_de_pesquisa__antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MATOS, Andréa Gomes de et al. **A importância da literatura infantil na formação dos pequenos leitores**. 2011. Disponível em: <<http://www.pedagogia.com.br/artigos/literaturainfantil/index.php?pagina=0>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

SANTIAGO, Nilza Bernardes et al. Era uma vez... Construindo conhecimentos e (re)significando saberes através da contação de histórias. *Revista do Instituto de Ciências Humanas*, [S.l.], v. 14, n. 19, p. 35-44, jun. 2018. ISSN 2359-0017.

Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/16472>>. Acesso em: 18 out. 2018.

SILVA, Maria Eliane da. A importância da contação de história na alfabetização. 2016. 19f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Marcelino Vieira, 2016. Disponível em: <<http://monografias.ufrn.br/jspui/handle/123456789/4430>>. Acesso em: 18 out. 2018.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de Leitura. 6. Ed. Porto Alegre: ArtMed,1998.

TAVARES, Tadeu Zaccarelli; QUEIROZ, Marli Aparecida de Oliveira. A importância da leitura no processo da alfabetização. Revista de Pós-graduação Multidisciplinar, [S.l.], v. 1, n. 3, p. 111-120, feb. 2018. ISSN 2594-4797. Disponível em: <<http://fics.edu.br/index.php/rpgm/article/view/684>>. Acesso em: 18 oct. 2018. doi: <https://doi.org/10.22287/rpgm.v1i3.684>.